

LINGUÍSTICA DE TEXTO E FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO EM DIÁLOGO: EM DEFESA DE UMA AGENDA DE PESQUISAS

TEXT LINGUISTICS AND NORT AMERICAN FUNCTIONALISM IN DIALOGUE: IN DEFENSE OF A RESEARCH AGENDA

Dennis Castanheira¹

RESUMO: Este estudo tem como objetivo discutir a possibilidade de interface entre a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano por meio da retomada dos seus pressupostos teóricos basilares, da elucidação dos seus pontos de contato e da ilustração das suas possibilidades de encaminhamento teórico-analítico. Para isso, são exploradas as bases das duas vertentes (cf. GIVÓN, 1995; BUTLER, 2003; BERNÁRDEZ, 2003; VAN DIJK, 1997; 2006; 2015; CASTANHEIRA; CASEIRA, 2020b) e são apresentadas pesquisas de Santos (2003) e de Castanheira (2017; 2020), Castanheira e Caseira (2020a) e Castanheira, Cezario e Brito (2021). Diante de tais elucidações, há a defesa de uma agenda de pesquisas a partir do diálogo entre a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística de Texto. Funcionalismo norte-americano. Interfaces. Agenda de pesquisas.

ABSTRACT: This study has as main goal to discuss the possibility of the interface between Text Linguistics and North American Functionalism through the resumption of its basic theoretical assumptions, the elucidation of their points of contact and the illustration of its theoretical-analytical routing possibilities. To this end, the basics of the two strands are explored (cf. GIVÓN, 1995; BUTLER, 2003; BERNÁRDEZ, 2003; VAN DIJK, 1997; 2006; 2015; CASTANHEIRA; CASEIRA, 2020b) and the searches by Santos (2003), Castanheira (2017; 2020), Castanheira and Caseira (2020a) and Castanheira, Cezario and Brito (2021) are presented. In the face of such elucidations, there is the defense of a research agenda from the dialogue between Text Linguistics and North American Functionalism.

KEY-WORDS: Text Linguistics. North American Functionalism. Interfaces. Research agenda.

Primeiras palavras

Ao longo das últimas décadas, têm sido desenvolvidas várias coletâneas e diversos dossiês temáticos dedicados ao mapeamento da articulação teórico-metodológica entre diferentes abordagens da Linguística contemporânea, dentre as quais se destacam a

¹ Docente da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Endereço Eletrônico: denniscastanheira@gmail.com

Sociolinguística, o Funcionalismo, a Linguística de Texto e a Análise do Discurso (cf. MOLLICA; FERRAREZI JUNIOR, 2016; SOUZA; PENHAVEL; CINTRA, 2017).

Dentre os possíveis entrelaçamentos, selecionamos, neste estudo, a relação entre a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano, sendo nosso objetivo observá-la por meio de questões teóricas e da apresentação de fenômenos em defesa de uma agenda de pesquisas. De acordo com Castanheira (2020), essa abordagem envolve o estudo da língua em uso a partir de questões discursivas e gramaticais de maneira simbiótica, considerando as relações morfológicas, (morfos)intáticas, semânticas e pragmáticas e adotando uma perspectiva sociocognitiva e interacional.

Para isso, revisitaremos criticamente a literatura das duas teorias a partir de uma metodologia qualitativa bibliográfica, retomando e articulando criticamente postulados consagrados e contemporâneos de diversos autores. Além disso, a fim de ilustrarmos as possibilidades analíticas, destacaremos algumas pesquisas desenvolvidas, em que são consideradas as duas teorias de forma entrelaçada no estudo dos fenômenos da referencialização a partir de Sintagmas Nominais e da articulação textual por meio de adverbiais modalizadores e sua interface com o ensino de língua portuguesa.

Este artigo encontra-se organizado, para tanto, da seguinte forma: além desta seção, retomaremos os postulados teóricos da Linguística de Texto e do Funcionalismo norte-americano e sua história ao longo das décadas, observando em que momento essa interface se tornou possível; posteriormente, demonstraremos seus principais pontos de focalização e como sua abordagem pode ser feita a partir de dois fenômenos em prol de uma agenda de pesquisas; por fim, apresentaremos as considerações finais e as referências bibliográficas.

Linguística de texto e Funcionalismo norte-americano: histórico e interseções

Na perspectiva da Linguística de Texto, o conceito de texto sofreu grandes modificações nas últimas décadas. Em seus primeiros estudos, também denominados como primeira fase, a Linguística de Texto, segundo Marcuschi (1983) e Koch (2015[2004]), interessava-se pelos mecanismos interfrásticos que possibilitavam identificar um texto como tal. Naquele momento, o foco era o estudo das relações referenciais, priorizando a análise da correferencialidade, em que o texto era visto como uma frase complexa, um signo primário, uma cadeia de pronominalizações ininterruptas, de pressuposições ou uma sequência de enunciados que poderiam assumir tal status.

Assim, “o objeto de estudo era o texto idealizado, criado, muitas vezes para a própria pesquisa, podendo ser caracterizado (...) como microtexto, pois o objetivo era descrever os princípios e as regras que subjazem à sua constituição” (FÁVERO, 2019, p. 15). Podemos dizer, então, que, nessa primeira fase, que durou até os anos 1970, o limite de estudo eram as relações anafóricas e catafóricas e havia o projeto de ser feita uma gramática do texto, pois esse era visto como unidade superior à sentença. Para isso, havia a ideia de analisar as possibilidades combinatórias, determinar os seus princípios constitutivos, apontar os critérios para sua delimitação e diferenciar as suas diferentes espécies (cf. MARCUSCHI, 1983; KOCH, 2015[2004]).

No entanto, em sua fase seguinte, a Linguística de Texto passou pela “virada pragmática”, fortemente influenciada pela Teoria dos Atos de Fala e pela Filosofia da Linguagem. Esse momento foi marcado pela necessidade de ir além de aspectos sintáticos e semânticos, pois o texto não era mais visto como uma unidade formal. De acordo com Koch (2015[2004]), nessa época, diante do foco no processo comunicativo em uma sociedade concreta, o contexto passa a configurar um fator importante de análise.

Nessa nova visão, passou a ser adotada uma abordagem baseada no uso e nos processos interacionais em situações reais de comunicação. Assim, as concepções de língua e texto foram modificadas, tendo em vista que a língua deixa de ser vista como um sistema autônomo e o texto deixa de ser tratado como um produto, sendo visto, então, como instrumento interativo. Influenciada pela Psicologia e pela Filosofia da Linguagem, a Linguística de Texto passa a unir seus postulados à abordagem textual, pois o texto também é visto como uma forma de ação verbal.

O conceito de coerência também é reinterpretado, visto que passa a ser discutida a existência da macroestrutura pragmática, ligada, sobretudo, às relações funcionais do discurso. Nesse momento, a sintaxe, a semântica e a coerência passam a ser vistas como questões pragmáticas e contextuais. Diante disso, não se discute mais a existência de enunciados incoerentes em si, dado que, em situações reais de uso, a coerência pode ser sempre de alguma forma construída.

Na década de 1980, contudo, a Linguística de Texto passa pela “virada cognitivista”, “a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operação” (KOCH, 2015[2004], p. 34). É importante ressaltar que, diferentemente do rompimento da primeira para a segunda fase, na passagem para a

abordagem cognitiva, não houve uma quebra, mas um acréscimo, tendo em vista que a perspectiva pragmática não foi abandonada, mas aliada a novos postulados.

Nessa perspectiva, o texto passa a ser visto como resultado de processos mentais e a comunicação é tratada por meio dos conhecimentos prévios dos interlocutores. Assim, é adotada uma visão sociocognitivista, em que o texto é tido como um complexo processo, concebido a partir de relações de sentido construídas dialogicamente. Nessa nova abordagem, esse é visto a partir da representação de eventos de fala na cognição (cf. VAN DIJK, 1997; BERNÁRDEZ, 2003).

Como aponta Koch (2015[2004]), p. 41), “a cultura ea vida social seriam parte deste ambiente e exigiriam a representação, na memória, de conhecimentos especificamente culturais”. Há, nessa perspectiva, uma relação intrínseca entre o cognitivo e o social. Tudo que é dito envolve, também, a situação comunicativa, as identidades dos indivíduos e as suas experiências. De acordo com Koch (2015[2004]), a Linguística de Texto passa, então, a ter como objetivo descrever o texto a ponto de abarcar os processos cognitivos nele presente.

Essa “virada” ocorreu, segundo Cavalcante (2011), a partir do trabalho de Beaugrande (1997). Nessa nova fase, o texto passou a ser definido como um evento comunicativo em que estão presentes ações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas. Sob essa perspectiva, ele é uma unidade real, concreta, atual e não mais um aspecto virtual e idealizado. Nessa visão, a interação ocorre a partir do uso efetivo da língua pelos sujeitos em suas práticas discursivas, ou seja, em contextos reais e os sentidos são elaborados, nessa perspectiva, considerando, também, os mais variados implícitos, detectáveis a partir do contexto interacional. Sob esse olhar, não há um único sentido presente no texto, mas diferentes sentidos possíveis, a depender dos aspectos ativados no processamento sociocognitivo da interpretação.

Essa discussão remete ao conceito de contexto. De acordo com Van Dijk (1997), esse pode ser analisado a partir de alguns submodelos: entornos locativos e temporais; circunstâncias sociais; ambientes institucionais; objetivos interacionais; participantes e seu papel social; relações entre os falantes; relações globais entre os interlocutores e categorias sociais dos indivíduos. Para o autor, os modelos contextuais são episódicos, pessoais e envolvem interpretações e experiências comunicativas subjetivas.

De acordo com Van Dijk (2015), para a adoção de perspectiva sociocognitiva de contexto, é necessário recorrer a uma abordagem interdisciplinar, envolvendo outros ramos das ciências da linguagem, como a Antropologia e a Filosofia. Todas essas áreas apresentam um ponto em comum no estudo do contexto: é necessário estudar o discurso a partir da

adequação exercida na situação comunicativa em que ele se insere. Para o autor, esse aspecto está ligado a um ponto mais amplo da interação humana: é preciso haver adaptação ao ambiente em que se encontra por questões de sobrevivência e cooperação comunicativa.

Van Dijk (2015) destaca que tais padrões contextuais envolvem modelos cognitivos armazenados na memória de longo prazo. A partir de eventos anteriores, que incluem situações sociais e dimensões emocionais, envolvendo elementos multimodais – visuais, sonoros, sensório-motores. Assim, no processo interacional, os falantes sabem que não precisam explicitar todas as informações do discurso, pois os participantes da interação são capazes de estabelecer inferências e interpretar as informações apresentadas.

Assim, na fase atual, os estudos do texto trabalham a construção dos sentidos a partir do contexto e os fenômenos são revisitados. Antes analisadas a partir da visão do texto como produto e, conseqüentemente, como fenômenos estanques, a referenciação e a sequenciação, por exemplo, passam a ser vistas como processos sociocognitivos e interacionais. Também são considerados diversos *corpora* por meio de uma abordagem micro e macro textual (cf. KOCH, 2015[2004]; KOCH; ELIAS, 2006; 2009; CAVALCANTE, 2011; FÁVERO, 2019).

Com tais modificações nos conceitos de texto e contexto, a Linguística de Texto passou a integrar o grupo de teorias baseadas no uso e centradas no estudo do contexto. Essa discussão está diretamente relacionada aos postulados de Dik (1987), que defende a existência de dois paradigmas na Linguística: formal e funcional. Essa divisão agrupa perspectivas que apresentam algumas divergências, mas podem ser relacionadas em um agrupamento didático bastante elucidativo. Esses paradigmas, ou polos, designam, então, “um conjunto de crenças e hipóteses em interação” (NEVES, 1997, p. 43).

No polo funcional, de acordo com Schiffrin (1994), há a análise do uso linguístico e da sua organização a partir das suas escalas sociais e estilísticas. São focalizadas questões de variação e pragmática para explicar as diferenças entre as línguas. Mais recente, essa perspectiva adota uma concepção linguística baseada no discurso, na interação e nos aspectos sociais. A língua é vista, então, como um instrumento interacional, um fenômeno cultural, existente para fins específicos, tendo como principal função estabelecer a comunicação entre os falantes.

O sistema linguístico, nesse paradigma, é estudado por meio do seu uso, ou seja, a partir de exemplos vinculados às situações reais de interação humana. O estudo dos universais linguísticos segue uma tipologia funcional, buscando explicações em restrições

comunicativas, culturais, psicológicas e biológicas. O viés pragmático torna-se central nessa visão, pois a sintaxe e a semântica estão diretamente relacionadas ao estudo do discurso.

Podemos dizer, ainda, que a gramática é construída a partir dos usos a que a criança é exposta na interação, combinados à sua capacidade de criação e adaptação evidenciada por processos analógicos e metafóricos. Essa compreensão surge inicialmente por volta dos nove meses de idade, mas seu verdadeiro poder manifesta-se à medida que as crianças passam a utilizar as ferramentas culturais que essa compreensão lhes permite dominar, sobretudo a linguagem.

Alinhadas a tais postulados do polo funcional estão teorias que baseiam sua análise no uso e/ou em aspectos discursivos. Algumas dessas são a Linguística de Texto, o Funcionalismo (em suas diferentes vertentes – Funcionalismo Norte-americano, Linguística Funcional-Cognitiva, Linguística Sistêmico Funcional, Gramática Discursivo-Funcional), a Semiologia, a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva (em suas perspectivas centradas no uso, como a Gramática de Construções Baseado no Uso).

Vale ressaltar, ainda, que o polo funcional e a Linguística Funcional não são sinônimos. O polo funcional, na verdade, envolve múltiplas abordagens teóricas, dentre as quais o Funcionalismo. Perspectivas teórico-metodológicas do polo funcional apresentam algumas características em comum, mas podem focalizar aspectos distintos em suas análises. Assim, em um olhar mais amplo, há um polo em que estão inseridas algumas teorias do uso, dentre as quais a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano.

Neves (1997) destaca que, de forma geral, a Linguística Funcional envolve uma organização gramatical integrada a uma teoria global da interação social, em que as relações entre as unidades e as funções são estudadas a partir da visão de que a gramática é suscetível às pressões do discurso. Os falantes não são capazes apenas de (de)codificar as estruturas linguísticas, mas também de usá-las de forma intencional. Assim, a linguagem é uma atividade construída de forma partilhada pelos participantes da interação (cf. BUTLER, 2003; TRAUGOTT, 2010).

Tal abordagem surgiu a partir do Círculo Linguístico de Praga, em que foram postulados alguns conceitos que seriam mais bem desenvolvidos posteriormente, como o de sistema funcional. No entanto, posteriormente, outras abordagens do Funcionalismo foram desdobradas, ganhando nuances distintas dos postulados do Estruturalismo funcional da Escola de Praga. Neves (1997) aponta que o pioneirismo dos estudiosos do Círculo está

ligado ao estudo funcional no nível da frase a partir da organização informacional da sentença, indo além dos níveis fonológico, morfológico e sintático.

Assim, o Funcionalismo firma-se como uma abordagem que “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2008, p. 157). Nessa perspectiva, a linguagem está diretamente associada ao seu papel na sociedade, o que aponta para a necessidade de considerar questões contextuais e sociais na análise dos usos linguísticos. Por isso, em pesquisas funcionalistas, são trabalhados essencialmente dados reais de fala e/ou escrita, vinculados a situações efetivas de interação; evitando, conseqüentemente, exemplos inventados.

Segundo Cunha (2008), um dos principais expoentes do Funcionalismo norte-americano foi Bolinger, cujos trabalhos demonstraram que fenômenos sintáticos estavam ligados a questões pragmáticas no estudo da ordenação de palavras na cláusula. Na década de 1970, o Funcionalismo passou a ser adotado como uma vertente relevante na Linguística norte-americana a partir de pesquisas lideradas por autores como Thompson, Hoppere Givón, que romperam com o paradigma formal vigente ao considerarem questões contextuais, cognitivas e extralinguísticas no tratamento da análise linguística. Outro ponto de divergência era a natureza dos dados analisados, tendo em vista que eram considerados casos extraídos de contextos reais de comunicação.

Assim, o Funcionalismo americano passa a ser visto como a perspectiva teórica que estuda a língua em uso a partir de questões intra e extralinguísticas. Na perspectiva funcional, o discurso corresponde aos usos linguísticos em situações comunicativas reais e a gramática às regularidades provenientes de tais contextos. Esses dois conceitos, porém, não podem ser separados, tendo em vista que um não existe sem o outro, o discurso é parte da gramática, moldando-a e modificando-a constantemente. Isso ocorre a partir de processos cognitivos e comunicativos, que contribuem diretamente para essa simbiose, ritualizando os novos usos.

Sendo assim, conforme Schiffrin (1994), a análise da língua em uso não pode ser separada dos aspectos funcionais da linguagem humana. O discurso, então, é interdependente da vida social e necessariamente envolve significados diversificados. Schiffrin (1994) defende que a definição de discurso calcada na língua em uso compreende uma abordagem funcionalista, pois ele é visto como uma questão cultural e socialmente organizada pelas diferentes formas de comunicação.

Além disso, a abordagem do Funcionalismo Norte-americano pode ser relacionada aos seguintes postulados de Givón (1995): a estrutura linguística serve a aspectos cognitivos e comunicativos; a variação e a mudança sempre estão presentes na língua; os sentidos são construídos contextualmente; a estrutura linguística é icônica e maleável; as categorias gramaticais não são discretas. Tais aspectos apontam para uma visão de língua como um sistema constantemente (re)construído no processo interativo e suscetível a processos de variação e mudança, motivados por questões pragmáticas.

Cunha, Costa e Cezario (2015) apontam que alguns dos pressupostos teóricos fundamentais da perspectiva funcionalista são: iconicidade, marcação, transitividade, gramaticalização, informatividade e planos discursivos (cf. CHAFE, 1976; 1984; PRINCE, 1981; 1992; GIVÓN, 1990; 1995) Esses conceitos ajudam a estudar as regularidades linguísticas a partir das circunstâncias discursivas presentes nas diferentes situações comunicativas, pois, na visão funcionalista, as estruturas servem aos propósitos comunicativos e, por isso, são motivadas.

Sob esse olhar, a gramática é analisada de forma integrada, não havendo uma separação entre questões fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, dado que todas estão organizadas de forma interdependente. Além disso, as regularidades são observadas de um ponto de vista gradual e não discreto, eliminando, conseqüentemente, a possibilidade de análise em categorias binárias e dicotômicas.

Para análise de tais regularidades, Bybee (2010) aponta que é preciso observar além da superfície linguística, pois há forças comunicativas e mentais que atuam diretamente na configuração dos usos. Para a autora, as motivações para as escolhas e mudanças na língua vão além de questões específicas da linguagem, envolvendo, na verdade, processos cognitivos de domínio geral que englobam, também, outras áreas da cognição e são rotinizados pela frequência de uso.

Diante do exposto, podemos perceber que a Linguística de Texto e o Funcionalismo Norte-americano estão inseridos em um mesmo paradigma da Linguística – o polo funcional – e, por isso, podem ser relacionados sem grandes prejuízos teórico-metodológicos. Tal defesa, contudo, não indica que essas teorias sejam sinônimas. É evidente que cada uma apresenta suas especificidades, mas acreditamos que tenham apenas focos diferentes. Assim, não seria necessário estabelecer uma “conversa na diferença” (cf. TAVARES, 2003), mas o destaque de pontos em que essa interseção é mais clara.

Uma proposta de diálogo

É importante destacarmos, inicialmente, que a articulação aqui proposta já fora citada por alguns teóricos e explorada em alguns trabalhos. Por isso, adotaremos uma metodologia qualitativa bibliográfica, em que retomaremos elucidções e pesquisas já existentes sobre o tema a fim de estabelecer um panorama do que já foi realizado. Contudo, não focalizaremos apenas uma revisão da literatura, já que proporemos também novas reflexões e perspectivas de abordagem e interface acerca do tema. Ou seja, consideraremos uma abordagem crítica do que já foi desenvolvido teórica e empiricamente e discutiremos novas possibilidades.

Destacamos que nos estudos já realizados, em geral, não há uma explicitação de uma união teórica mais ampla entre as duas abordagens aqui discutidas, sem destaque de um fenômeno em específico, por exemplo. Ou seja, quando há alguma reflexão, é escolhido um aspecto linguístico sem postulados mais gerais ou esclarecimento quanto a essa possibilidade de interface.

Os estudos de Neves (2004; 2006) e Pacheco (2014) se destacam como algumas propostas que relacionam o Funcionalismo e a Linguística de Texto, contudo os autores não utilizam a vertente norte-americana da abordagem funcional, o que diferencia seus postulados das nossas reflexões, e não enfatizam questões sociocognitivistas na análise textual, como feito em pesquisas mais recentes.

Outra proposta de articulação está presente em Abreu (2017), que defende que ambas as teorias têm como objetivo estudar a língua além do nível da frase e podem ser relacionadas a partir de questões cognitivas. No entanto, vale destacar que não são explicitados quais pressupostos teóricos funcionalistas e textuais poderiam ser relacionados e quais são os pontos de contato entre tais teorias e que o trabalho segue um olhar cognitivo-funcional.

Assim, percebemos que a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano não costumam ser tão relacionados em comparação a outras propostas articulatórias, mesmo essa possibilidade já tendo sido abordada por Cavalcante (2015), por exemplo. Tais teorias geralmente são colocadas em interface com outras abordagens: a Linguística de Texto muitas vezes é associada à Análise do Discurso, tanto na vertente da Semiologia como na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, e o Funcionalismo norte-americano costuma ser associado à Sociolinguística Variacionista e à Linguística Cognitiva.

Como, ao revistarmos a literatura, não encontramos muitos trabalhos sobre a interface aqui proposta, destacamos alguns pontos (não)focalizados por cada uma dessas abordagens:

- a) O Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto apresentam tratamentos diferentes para os gêneros textuais. Enquanto o Funcionalismo tende a utilizá-los como um fator analítico ou a considerá-los de forma mais ampla como uma questão contextual (cf. ILOGTI DE SÁ, 2015; CASTANHEIRA; CEZARIO, 2016), a Linguística de Texto tende a explorá-los de forma mais detalhada, explicitando, sobretudo, sua relação com a construção dos sentidos (cf. COLAMARCO, 2014; MORAIS, 2017; BARBALHO, 2022).
- b) O Funcionalismo norte-americano tem uma grande preocupação com o estudo da mudança linguística. Desde os estudos pioneiros sobre gramaticalização, as pesquisas funcionalistas têm sido bastante relacionadas com investigações sobre as mudanças nas línguas. Recentemente, o foco na mudança passou a ser ainda mais amplo com a interface construcionista, considerando modificações na forma e na função (cf. MARTELOTTA, 2011; FUMAUX; ALONSO; CEZARIO, 2017).
- c) O Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto têm como objeto de estudo o uso linguístico, mas a abordagem textual tem como objetivo central estudar o texto e as relações pragmáticas envolvidas em seu processo de leitura e produção (cf. ANDRADE, 2019; CASTANHEIRA; FORTUNA, 2021; SANTOS; CASTANHEIRA, 2021), enquanto o Funcionalismo norte-americano costuma partir de um fenômeno morfológico ou sintático para observar suas propriedades discursivas (cf. ILOGTI DE SÁ; PAIVA; CEZARIO, 2020; CASTANHEIRA; CEZARIO; BRITO, 2021).
- d) A Linguística de Texto e o Funcionalismo Norte-americano costumam adotar procedimentos metodológicos diferentes. Enquanto a Linguística de Texto geralmente centra suas análises em uma metodologia qualitativa, destacando o papel dos elementos linguísticos na construção do texto e dos efeitos de sentido (cf. CARVALHO; SANTOS, 2017; BASTOS, 2018; ANTUNES, 2019), o Funcionalismo norte-americano frequentemente parte de fatores qualitativa e quantitativamente controlados (cf. CASTANHEIRA; CEZARIO, 2014; CEZARIO *et al.*, 2018).
- e) A Linguística de Texto costuma ser mais utilizada do que o Funcionalismo norte-americano em trabalhos sobre ensino (cf. MARQUESI; PAULIUKONIS; ELIAS, 2017; PAULIUKONIS; CAVALCANTE, 2018; CASTANHEIRA; SANTOS, 2022). Ainda parece um desafio para os estudos funcionalistas a interface com as práticas pedagógicas, seja por meio do trabalho com análise e/ou elaboração de sugestões de abordagens/ materiais didáticos, ou a partir de propostas de intervenção. Alguns trabalhos funcionalistas sobre ensino já desenvolvidos são Cunha e Tavares (2015), Oliveira e Wilson (2015) e Bispo, Cordeiro e Lucena (2022).

No entanto, destacamos que as tendências apontadas são apenas orientações frequentes nessas teorias. Assim, um trabalho funcionalista pode partir de um gênero específico e uma pesquisa da Linguística de Texto pode não destacar, de forma tão acentuada, a construção do gênero; uma investigação funcionalista pode adotar uma metodologia apenas qualitativa e um trabalho da Linguística de Texto pode focalizar também questões quantitativas.

Nesse sentido, consideramos necessário destacar o que é relevante nessa proposta de interface para que seja discutida uma agenda de pesquisas. Defendemos que, para associarmos a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano no estudo de algum fenômeno, é preciso partir necessariamente de dados reais de uso, focalizar questões pragmáticas e contextuais à luz de uma abordagem sociocognitiva e interacional. Metodologicamente, pode ser adotada uma abordagem qualitativa e/ou quantitativa a partir de diferentes gêneros e suportes textuais. Em relação ao ensino, essa associação pode ser feita por meio da análise e da elaboração de materiais didáticos e reflexões amplas.

Em defesa de uma agenda de pesquisas, pontuamos que é necessário não apenas teorizar sobre essa associação, mas também apresentar caminhos descritivo-analíticos. Diante disso, destacamos alguns temas passíveis de serem observados em busca dessa interface: articulação textual, trabalhada em Castanheira (2017) e Castanheira e Caseira (2020a) e referenciação, discutida em Castanheira (2020), Castanheira e Mendanha (2021) e Castanheira e Cezario (2022).

Castanheira (2017) aborda a questão da sequenciação por meio do estudo dos adverbiais modalizadores, fornecendo um tratamento metodológico qualitativo e quantitativo e um olhar analítico à luz das duas teorias. Essa articulação possibilitou o mapeamento da frequência de uso, como defendem diversas investigações funcionalistas, e dos padrões formais e funcionais dos modalizadores. Além disso, tal perspectiva foi aliada a uma observação mais acurada para o texto e os efeitos de sentido, o que possibilitou uma visão mais ampla do fenômeno.

Nesse trabalho, inicialmente, foi analisado como esses elementos eram utilizados em artigos de opinião – gênero escolhido por ser predominantemente argumentativo e pelos modalizadores terem importante papel na construção dessa tipologia textual. Para isso, foram mapeados, morfossintática e discursivamente, esses elementos, a partir da sua ordenação, dos graus de subjetividade e dos seus efeitos de sentido, constatando que esses elementos muitas vezes são usados de forma menos subjetiva devido a questões textuais, como os veículos *O Globo Online* e *O Dia Online*.

De maneira concomitante, foi analisada a abordagem de doze livros didáticos de Ensino Médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2015 acerca dos adverbiais modalizadores, considerando duas questões de forma ampla: seus efeitos de sentido e seu papel como articuladores textuais argumentativos. O objetivo dessa estratégia foi estabelecer um panorama de abordagem dos materiais a partir da associação das duas teorias, já que a análise considerava a (não)contextualização dos livros, a exploração da pragmática e o papel dos modalizadores no texto, aspectos caros a tal entrelaçamento funcional-textual.

Diante disso, foi constatado que, apesar de essas questões já serem tratadas nos manuais, a abordagem ainda é muito escassa, pouco sistemática e com inconsistências diversas. Segundo Castanheira (2017), em capítulos sobre argumentação e opinião, por exemplo, os adverbiais modalizadores não foram abordados, mesmo diante da menção do livro à importância desses elementos para a argumentação nos capítulos sobre adverbiais. Outro ponto é que o papel dos adverbiais modalizadores no texto quase não foi explorado, mesmo sendo um tema já amplamente discutido cientificamente.

A partir do confronto dos resultados, é nítida a grande distância entre os usos e a abordagem dos manuais, e, por isso, foram selecionados cinco dos sessenta artigos de opinião utilizados para que fossem elaboradas sugestões de atividades para o ensino básico, envolvendo as práticas de leitura, análise linguística e produção textual. Com isso, Castanheira (2017) estabeleceu algumas propostas reflexivas para o tratamento dos adverbiais modalizadores por meio de um olhar funcional-textual.

Outro trabalho desenvolvido sobre articulação textual é o de Castanheira e Caseira (2020a), em que os autores discutem como nove livros didáticos tratam da temática das conjunções em capítulos sobre classes de palavras e articulação de orações à luz da interface funcional-textual. Considerando autores das duas teorias e revisitando a literatura especializada, os autores destacam os trabalhos de Câmara Jr. (1970) e Pinilla (2007) e postulam alguns critérios analíticos, que envolvem a união de aspectos morfológicos, sintáticos e discursivos.

Nessa investigação, a importância da interface se evidencia por uma perspectiva mais ampla, com destaque para a análise da contextualização do material e do papel das conjunções no texto. A partir desse entrelaçamento, são considerados pressupostos basilares das duas teorias, como, por exemplo, contexto, pragmática, cognição, sequenciação, coesão e coerência.

Os autores constataam que tais materiais ainda abordam de forma escassa a questão do papel dos elementos no texto, mas exploram de forma mais sistemática as questões sintáticas e semânticas em relação às conjunções. De acordo com Castanheira e Caseira (2020a), é preciso que ainda haja um avanço na ligação da temática com o gênero textual e com a função no texto sem utilizá-lo apenas como um mero pretexto para atividades de identificação e classificação. Assim os autores defendem que é necessário congregam esses dois olhares e (re)pensar as estratégias para a abordagem sobre as conjunções nos livros didáticos.

Em relação ao fenômeno da referenciação, Castanheira (2020) analisa, à luz da Linguística de Texto e do Funcionalismo norte-americano, o papel das anáforas encapsuladoras, Sintagmas Nominais resumitivos, na construção do gênero textual entrevista a partir de fatores funcionais e morfossintáticos. O autor parte da ideia de que o gênero pode ser observado por meio do estilo, do tema e da composição para selecionar seus aspectos metodológicos e analíticos.

A partir do controle qualitativo e quantitativo, Castanheira (2020) considera a posição na oração, o grau de novidade, o papel fórico, o papel coesivo, a marcação da subjetividade e a multifuncionalidade desses Sintagmas Nominais, relacionando-os, ainda, ao tema e à parte do texto. Para isso, considera que o gênero entrevista pode ser dividido em parte inicial, turno do entrevistador e do entrevistado e textos com os temas política, economia e cultura a fim de cruzar tais fatores.

Em seus resultados, o autor constata que há uma relação direta entre a construção do gênero entrevista e o uso das anáforas encapsuladoras, visto que tais elementos são responsáveis pela tessitura do texto, marcando, por exemplo, a interação entre o entrevistador e o entrevistado e sendo majoritariamente prospectivos na parte inicial das entrevistas, tendo em vista seu papel de apresentar as informações a serem desenvolvidas. Castanheira (2020) também defende que os encapsulamentos são elementos que podem evidenciar a subjetividade e que isso ocorre de forma diferente a depender do tema da entrevista e constata que essas anáforas têm tamanhos diferentes a depender do grau de novidade da informação veiculada.

Por fim, destacamos a investigação de Castanheira e Mendanha (2021) acerca das anáforas encapsuladoras em entrevistas publicadas nos sites PopLine e RockLine. Nessa pesquisa, parte-se das discussões de Castanheira e Mendanha (2020) e é adotada a interface

funcional-textual a fim de investigar o papel dos SNs resumitivos na construção do gênero entrevista por meio de três fatores: caráter fórico, parte e tema da entrevista.

Os autores investigam o papel desses elementos por meio da ligação da retrospectiva e da prospecção dos encapsulamentos às partes das entrevistas e às suas temáticas. Os resultados indicam que tais Sintagmas podem ocorrer em diferentes partes das entrevistas e que o tema (pop ou rock) não é um fator determinante para os seus usos.

Além disso, mesmo em pesquisas que não efetivamente estabeleceram uma interface entre essas teorias, pode ser percebida uma clara ligação. Santos (2003), por exemplo, discute o papel de articulação textual dos elementos “e”, “mas”, “aí” e “então” em textos de literatura infantil e juvenil à luz da Linguística de Texto. Mesmo sem ser um trabalho funcionalista, é mencionada a gramaticalização dos elementos, já que sua passagem de itens lexicais a gramaticais (ou de gramaticais a ainda mais gramaticais) é essencial para compreensão do seu papel coesivo. O elemento “aí”, por exemplo, ao não ser utilizado como adjunto adverbial de lugar, mas como marcador discursivo, possibilita um papel ainda mais evidente coesivamente.

Também é necessário observar que Santos (2003), ao discutir os valores desses itens, apresenta múltiplos valores discursivos, o que se relaciona diretamente à multifuncionalidade discutida em investigações funcionalistas, bem como relaciona tais efeitos ao posicionamento morfossintático na frase, mais uma vez em prol da relação forma-função. Isso demonstra que tais ideias podem se relacionar de diversas maneiras, mesmo que sejam de linhas teóricas distintas.

Tal relação é tão evidenciada que Castanheira, Cezario e Brito (2021), em um trabalho funcionalista, ao discutir os usos das orações introduzidas pelo conector “só que”, retoma a pesquisa de Santos (2003) para discussão da multifuncionalidade comum, sobretudo, aos casos de “mas” e “só que”, bem como aos de “mas só que”. Ou seja, pesquisas da Linguística de Texto já têm sido articuladas às evidências empíricas funcionalistas, da mesma forma que o contrário ocorre, o que só confirma ainda mais tal interface.

Destacamos, diante dos pressupostos debatidos na seção anterior e das elucidações efetuadas por tais pesquisas, que os seguintes pressupostos funcionalistas podem ser analisados na discussão desses fenômenos. Para tornar tal interface ainda mais clara, elaboramos o Quadro 1:

Quadro 1: relação teórica textual-funcional

Fenômeno textual	Pressupostos teóricos funcionalistas	Aplicação analítica
Articulação textual	Iconicidade	Análise da relação forma-função a partir da ordem morfossintática do articulador adverbial na oração
	Marcação	Análise da frequência e da complexidade cognitiva e estrutural do articulador textual de forma comparativa
	Gramaticalização	Análise do papel dos elementos gramaticalizados na construção do texto
	(Inter)subjetividade	Análise do valor (inter)subjetivo por meio dos articuladores textuais
	Categorização	Agrupamento dos itens em categorias por meio da sua frequência e das suas características em comum
Referenciação	Iconicidade	Análise da relação forma-função por meio de ordenação e do tamanho do SN
	Informatividade	Análise do estatuto do referente SN
	Marcação	Análise da frequência e da complexidade estrutural e cognitiva do SN de maneira comparativa
	(Inter)subjetividade	Análise do papel (inter)subjetivo da anáfora e da dêixis
	Categorização	Agrupamento dos elementos em categorias comuns a partir da frequência de uso e da sua caracterização

Fonte: elaboração nossa.

Além disso, o mapeamento da multifuncionalidade dos elementos sequenciais e referenciais e a observação das categorias morfológicas, sintáticas e semânticas e do seu papel no texto são aspectos centrais nessa interface. Isso se evidencia pela discussão dos processos de formação de palavras, dos usos de cláusulas hipotáticas, paratáticas, justapostas, subordinadas e correlatas, dentre outros temas de interesse funcional-textual.

Para que tal agenda de pesquisas seja efetuada, é necessário que sejam considerados esses e outros fenômenos a fim de entrelaçar tais discussões, devendo ser respeitadas as bases dessas teorias e a sua associação metodológica com aspectos analíticos que sejam coerentes com seus pressupostos teóricos fundamentais. Também são importantes trabalhos sobre ensino, já que essa articulação pode contribuir para reflexões acerca do papel dos elementos gramaticais na construção de diferentes gêneros textuais.

Dessa forma, defendemos que a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano não são teorias que apresentam aspectos excludentes, mas que focalizam questões distintas em seus trabalhos, adotando um prisma diferente de análise, mas totalmente passível de ser congregado. Como dissemos, mesmo apresentando algumas tendências, ambas as teorias podem deoar dessas direções e “caminhar” para outras possibilidades analíticas e metodológicas, o que pode configurar uma necessária agenda de pesquisas.

Destacamos, por fim, que a interface aqui defendida possibilita ganhos analíticos ao unir pressupostos teóricos de duas abordagens e gerar um olhar mais amplo dos fenômenos linguísticos que costumam ser descritos a partir de tais vieses de maneira separada. Tal ligação também é relevante para o ensino, já que em sala de aula devem ser aliadas múltiplas perspectivas para construção de estratégias mais plurais e que, cada vez mais, é defendida uma abordagem baseada no uso no ensino de gramática, o que contribui para uma prática pedagógica reflexiva e aliada aos efeitos de sentido.

Considerações finais

Diante das elucidações apresentadas neste artigo, podemos dizer que a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano são duas teorias linguísticas diferentes, mas com conceitos fundamentais semelhantes, visto que adotam uma abordagem baseada nos usos linguísticos e consideram a relação entre questões discursivas e gramaticais nas suas pesquisas. Além disso, ressaltamos que as duas teorias estão inseridas no “polo funcional” (DIK, 1987), que engloba diferentes abordagens com questões basilares em comum, o que evidencia sua possibilidade articulatória.

Assim, defendemos que a interface entre a Linguística de Texto e o Funcionalismo Norte-americano, embora ainda não seja feita com frequência nos estudos linguísticos, é um caminho bastante produtivo e passível de ser efetuado. Essa possibilidade está ligada aos diversos pontos convergentes entre as duas teorias e, para que seja efetuada, deve recorrer aos pressupostos teóricos das duas abordagens, destacando fenômenos que possibilitem essa interface.

Destacamos, ainda, que, em prol de uma agenda de pesquisas que englobe o diálogo entre essas abordagens, consideramos possível: (a) discutir o papel de articuladores textuais de conjunções, advérbios e marcadores discursivos a partir de aspectos funcionalistas diversos (iconicidade, gramaticalização e subjetividade, por exemplo); (b) mapear o papel referencial de Sintagmas Nominiais, de pronomes e de adverbiais por meio de diferentes questões

funcionalistas (iconicidade, informatividade e marcação, por exemplo); (c) relacionar as duas teorias ao ensino, observando as funcionalidades dos elementos linguísticos no texto a partir da análise e da elaboração de materiais didáticos e de propostas de intervenção pedagógica.

Com isso, consideramos ser emergencial a discussão e a sistematização de mais trabalhos que relacionem a Linguística de Texto e o Funcionalismo norte-americano a partir de uma abordagem bem delimitada teórica e metodologicamente. Para isso, é preciso (re)conhecer e respeitar as suas bases, incorporando-as nas pesquisas e considerando a multiplicidade de fatores envolvidos em tal processo para que tenhamos, então, mais investigações acerca desse diálogo.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. Linguística Textual e Funcionalismo. In: CAPISTRANO JR, Rivaldo. LINS, Maria da Penha; ELIAS, Vanda Maria. (Org.). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017. p. 43-56.

ANDRADE, Fernanda. *Referenciação e humor em crônicas de Luis Fernando Verissimo*. 103 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ANTUNES, Vanessa. *Referenciação e violência contra a mulher em relatos femininos*. 106 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BARBALHO, Cristiane. *Referenciação na construção argumentativa do gênero depoimento oral em audiências com tipificação de feminicídio*. 217 f. 2022. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

BASTOS, Maria Cristina Vieira. *Anáforas encapsuladoras e argumentatividade em notícias*. 142 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BEAUGRANDE, Robert De. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Nova Jersey: Alex, 1997.

BERNÁRDEZ, Enrique. El texto en el proceso comunicativo. *Revista de Investigación Lingüística*, v. 6, n. 2, 7–28, 2003.

BISPO, Edvaldo Balduino; CORDEIRO, Fernando; LUCENA, Nedjla. Funcionalismo linguístico e ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. *Revista do GELNE*, v. 24, p. 192-207, 2022.

BUTLER, Christopher. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, José Ricardo; SANTOS, Leonor Werneck. Anáfora direta e encapsulamento em um conto de terror. *Letras em Revista*, v. 8, p. 13-31, 2017.

CASTANHEIRA, Dennis. *Uso de adverbiais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades*. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CASTANHEIRA, Dennis. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CASTANHEIRA, Dennis; CASEIRA, Carolina de Aguiar Fernandes. Análise funcional-textual da abordagem sobre conjunções em livros didáticos de ensino médio. *Revista E-escrita: Revista do curso de letras da UNIABEU*, v. 11, p. 37-52, 2020a.

CASTANHEIRA, Dennis; CASEIRA, Carolina de Aguiar Fernandes. North american functionalism: history and perspectives. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 2, p. 1-4, 2020b.

CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura. Locuções adverbiais de tempo em cartas oficiais do século XIX: motivações para a ordenação. *Revista SOLETRAS*, v. 28, p. 41-59, 2014.

CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura. A ordenação de locuções adverbiais de tempo em cartas jesuíticas dos séculos XVI e XVII. *Signotica (UFG)*, v. 28, p. 557-580, 2016.

CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura. (Re)discutindo o estatuto informacional das anáforas encapsuladoras: para além da classificação dado e novo. *Revista Gragoatá (UFF)*, v. 27, p. 232-259, 2022.

CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura; BRITO, Raquel Cardoso. Análise dos usos de orações iniciadas por [só que] no português brasileiro. *Palimpsesto*, v. 20, p. 167-187, 2021.

CASTANHEIRA, Dennis; FORTUNA, Luciana. Mapeamento intertextual e (re)construção de sentidos na adaptação Pinóquio em Turma da Mônica – Grandes Clássicos. *Revista da Gama e Souza*, v. 11, p. 42-55, 2021.

CASTANHEIRA, Dennis; LEBLER, Cristiane Dall Cortivo. Linguística de Texto: perspectivas de interface. *Revista Rascunhos Culturais*, v. 13, p. 22-41, 2022.

CASTANHEIRA, Dennis; MENDANHA, Marcele. Encapsulating anaphors in written interviews published online. *Revista de Estudos da Linguagem (Falange Miúda)*, v. 6, p. 213-227, 2021.

CASTANHEIRA, Dennis; SANTOS, Leonor Werneck. Linguística de Texto e leitura: propostas didáticas e reflexões para o ensino. In: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (Org.). *Leitura e ensino de língua*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 301-330.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação: uma entrevista com Mônica Magalhães Cavalcante. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, n. 25, p. 367-380, 2015.

CEZARIO, Maria Maura *et al.* Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: CASTILHO, Ataliba; LOPES, Célia. (Org.). *História do português brasileiro*. Mudança sintáticas das classes de palavras: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2018, v. 4, p. 240-293.

CHAFE, Wallace. Givenness, Contrastiveness definiteness, subjects topics and point of view. In: LI, C. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55.

CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. (org.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. p. 21-51.

COLAMARCO, Manuela. *Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo*. 188 f. 2014. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marco Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angelica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios MARTELOTTA, M. E. (org.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRRN, 2015.

DIK, Simon. Some principles of functional grammar. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (org.) *Reference grammars and modern linguistics theory*. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 81-100.

FÁVERO, Leonor. Linguística Textual – história, delimitações e perspectivas. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 13, n. 15, p.12-21, 2019.

FUMAUX, Nuciene Caroline; ALONSO, Karen Sampaio; CEZARIO, Maria Maura. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. *Percursos Linguísticos*, v. 7, p. 139-158, 2017.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo:Contexto, 2015 [2004].

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. *Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: ordenação dos circunstanciais temporais e aspectuais no português e no francês*. 222 f. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ILOGTI DE SÁ, Érika; CEZARIO, Maria Maura; PAIVA, Maria da Conceição. Ordem de circunstanciais temporais em português e francês: motivações discursivas. *Revista Linguística*, v. 16, p. 646-665, 2020.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: EDITORA DAUFPE, 1983.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

MORAIS, Margareth Andrade. *Referenciação em campo: a construção de sentidos na notícia esportiva*. 180 f. 2017. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. Funcionalismo e Linguística do Texto. *Revista do Gel*, v. 1, p. 71-89, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PACHECO, Lucivânia. *A referência anafórica por encapsulamento: gramática e discurso*. 2014. 173 f. Tese (Doutorado). São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e

Ciências Exatas. Universidade Federal Paulista Júlio de Mesquita Filho: São José do Rio Preto, 2014.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Texto e ensino*. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.

PINILLA, Maria Aparecida. Classes de palavras. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 169-183.

PRINCE, Ellen. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (org.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-55.

PRINCE, Ellen. The ZPG letter: subjects, definiteness and information-status. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. (org.) *Discourse description*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 295-325.

SANTOS, Leonor Werneck. *Articulação textual na literatura infantil e juvenil (e, mas, aí, então)*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SANTOS, Leonor Werneck; CASTANHEIRA, Dennis. Linguística de Texto e referenciação: reflexões a respeito da escrita do surdo.. In: FREITAS, R.; SOARES, L. A.; NASCIMENTO, J. P. (Org.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021, v. 2, p. 118-130.

SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse*. Cambridge: Blackweel, 1994.

SOUZA, Edson Rosa Francisco; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. *Linguística Textual: interfaces e delimitações – Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch*. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (org.) *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

VAN DIJK, Teun. Cognitive context models and discourse. In: STAMENOW, M (org.). *Language Structure, Discourse and the Access to Consciousness*. Amsterdam: Benjamins, 1997. p. 189-226.

VAN DIJK, Teun. Discourse, context and cognition. *Discourse Studies*, v. 8, n. 1, 159-177, 2006.

VAN DIJK, Teun. Context. In: TRACY (org.). *International Encyclopedia of Language and Social Interaction*. London: Wiley-Blackwell, 2015. p. 1-11.